

# ENTRE AS MODAS DE VIOLA E OS “CAUSOS” DE VIDA: CONSTRUINDO UM FEMININO EM HELENA MEIRELLES<sup>1</sup>

Julian SIMÕES<sup>2</sup>

## RESUMO

Recuperar uma trajetória de vida é um exercício analítico-reflexivo acerca da escrita do social. Um exercício baseado na observação acerca de como os sujeitos históricos constroem e desconstróem em si, uma diversidade de vivências pautado em possibilidades outras às estabelecidas nos padrões histórico-culturais de uma sociedade. Em nosso artigo, reconstruímos a história de Helena Meirelles (1924-2005) através dos registros por ela deixados, como reportagens de revista, jornais, entrevistas e de um documentário chamado “Dona Helena” analisando por uma perspectiva de gênero a construção de um feminino. Nascida em MS tornou-se (inter)nacionalmente conhecida em 1993 quando foi eleita pela revista estadunidense *Guitar Player* como revelação do ano. Ao longo de sua vida transitou por distintos papéis: casou-se três vezes, teve onze filhos, foi prostituta, tornou-se violeira, construindo e desconstruindo em seu próprio corpo os estereótipos que a colocavam em uma tênue linha de aceitação e marginalização.

**Palavras-chave:** Helena Meirelles. Biografia. Feminilidade. Relações de Gênero.

## Primeiros acordos: introduzindo a pesquisa.

O pensamento Ocidental ao longo de seu desenvolvimento calcou-se em uma perspectiva fundada no androcentrismo e entre diversas outras maneiras de manifestação de preconceito, assimetria e desigualdades. Grossi (1992) afirma que a partir do Iluminismo, a Ciência se torna o principal meio de explicação do mundo, sendo que a produção de “saberes” era sustentada pelo pensamento científico, cujo valor fundante era a razão.

No pensamento científico o valor máximo é a razão. Aprendemos uma forma de pensar que nos leva a descartar tudo que não possa ser “provado cientificamente”, uma forma de pensar que privilegiou um tipo de procedimento sobre outros, a ciência sobre a magia, por exemplo. Ora junto com a construção dessa forma de pensar, o Ocidente foi se modificando e a Ciência e a Racionalidade acabaram sendo os principais valores de nossa época. Este movimento que coincide com o final da Idade Média vai acabar identificando o masculino com o racional e o feminino com o subjetivo e dando maior valor ao primeiro. (GROSSI, 1992, p.254)

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida a um ano recebendo, atualmente, fomento pela FAPESP e que resultará em um trabalho de conclusão de curso, orientado pela Professora Doutora Lídia Maria Vianna Possas.

<sup>2</sup> Graduando do 4º ano de Ciências Sociais pela UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências - 17525-900 – Marília, SP. E-mail: [julian\\_sociais@yahoo.com.br](mailto:julian_sociais@yahoo.com.br)

Sendo assim, a razão - valor fundante que sustenta o pensamento científico – liga-se ao masculino, e dessa maneira legitima a universalização da categoria *Homem*. Essa por sua vez, apesar de ser uma categoria usada para designar os humanos como um todo - homens e mulheres – não consegue se livrar de suas bases formadoras e sustenta o aparecimento de uma filosofia e uma epistemologia inteiramente voltada ao masculino.

Segundo Nye (1988), a mulher, no tocante ao acesso de produção de conhecimento científico e na participação ativa dos processos históricos, teve acesso restrito e desprivilegiado. Ligada em demasia aos afazeres domésticos, aos cuidados com seus filhos e com suas filhas, e demais tarefas entendidas como deveres exclusivos de seu sexo, a mulher construiu-se como um sujeito do privado e devido a isso ficaram às margens do uso e produção de teorias. No entanto, essa situação foi denunciada pelas militantes feministas que perceberam a necessidade de retomarem com mais afinco à produção intelectual, ou seja, a revisão das teorias apontada de uma perspectiva do feminino. A autora nesse caso afirma:

Sentido a injustiça em toda parte à sua volta, procurando algum modo de dar sentido em toda à sua experiência e projetar um programa efetivo para ação futura, as mulheres têm adotado teorias, sistemas e categorias inventadas pelos homens para racionalizar e justificar as atividades dos homens. Talvez nessas teorias que os homens vislumbram para regular suas relações – raciocinam as mulheres – possa haver alguma coisa adaptável aos propósitos feministas. As mulheres poderiam tomar os argumentos do próprio adversário, voltá-los contra ele, e gerar uma sociedade humana que incluísse as mulheres (NYE, 1988, p.15)

Dessa maneira, a partir da década de 70, na academia, iniciam-se pesquisas que vislumbravam uma perspectiva onde a mulher torna-se sujeito histórico, produtora e transformadora da realidade que a cerca, evidenciando assim suas lutas por simetrias, respeito e igualdade em uma sociedade que leve em consideração o humano, independentemente de sua crença, cor, posição social e principalmente de seu sexo e de sua identidade de gênero.

Em nossa pesquisa recuperamos a história vivida e contada de Helena Meirelles<sup>3</sup>, uma violeira sul mato-grossense. Observamos como, em sua trajetória de vida, vão sendo esgarçadas as relações de gênero, frente aos papéis determinantes do que seja o feminino

---

<sup>3</sup> Helena Meirelles violeira nascida em 1924 e falecida em 2005. Tornou-se (inter)nacionalmente conhecida no ano de 1993 quando ganhou o prêmio de revelação do ano da revista estadunidense *Guitar Player*. Casou-se três vezes foi mãe de 11 filhos, prostituta transitando de bordéis à “casas de família” para realizar seu maior sonho que era tocar sua viola.

apontando para as formas de superação engendradas na vivência de uma mulher que buscou, ser ela, ser diferente. Além do mais, ao reconstruir essa trajetória de vida<sup>4</sup> pretendemos propiciar elementos para a reflexão de muitas de nossas atitudes em relação a como opera nossos juízos de valor acerca das situações cotidianas no tocante as distinções, as classificações e as apropriações dos papéis normativos de gênero.

Ao desnaturalizar concepções, categorias e conceitos, “estranhando” as práticas sociais e evidenciando a presença de uma historicidade, pensamos, enquanto pesquisadores(as) comprometidos(as), rever comportamentos e pensar na possibilidade de uma sociedade mais justa e equânime entre humanos, dissolvendo qualquer manifestação desrespeitosa e incapacitada de contemplar a diversidade de vivências.

Para a percepção dessas diferentes formas de vivência, a pesquisa norteia-se pelo conceito “cultura” e pela categoria de análise “gênero”. Compreendemos cultura como a presença de sistemas simbólicos<sup>5</sup>, onde as imagens e significados são produzidos pelos indivíduos, seja no âmbito do privado, como do público. Os símbolos a serem captados e estudados podem ser apreendidos, no caso de nossa pesquisa, observando as relações normativas de gênero vivenciadas na trajetória de vida de Helena Meirelles.

Deve-se lembrar que os símbolos, produzidos em determinada cultura, são partilhados coletivamente, por isso, faz-se fundante captar as diferentes formas de realidade, a variabilidade de atuações, a pluralidade de sujeitos e as múltiplas temporalidades compreendidas em sua historicidade. Nesta perspectiva, estaremos rompendo com o conceito de sujeito Universal e principalmente de uma homogeneidade, levando em conta as distintas formas de apreensão e apropriação dos indivíduos. Assim, o modo de pensar, as individualidades nas suas variações históricas e as formas de sociabilidade nos permitiram observar onde as relações de

---

<sup>4</sup> O uso de biografia não deve ser compreendido como mera ilustração de uma lógica social que se pauta em análises macroestruturais, onde o indivíduo transforma-se apenas a partir das mudanças na estrutura da sociedade. Também não deve ser compreendida a partir da lógica de síntese, onde uma trajetória de vida é escolhida, não em função da singularidade de sua existência, e sim em função da possibilidade de síntese de outras trajetórias de vida representadas através de números e quadros estatísticos. Pensar em uma biografia, ou trajetória de vida, é alargar a compreensão acerca da diversidade cultural e apreender a existência de uma multiplicidade de temporalidades, lugares e relações, que possibilitem aos sujeitos reelaborar ou romper com comportamentos normativos e herdados, dando-lhes a chance de tecer novas significações às ações humanas. Para mais ver: SCHMIDT, Bento Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalista: Aproximações e Afastamentos. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.19, 1997 e SOUZA, A. B. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. In.: *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

<sup>5</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1998. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.

gênero, baseadas nas diferenças hierárquicas entre os sexos, apontam para a distinção dos papéis de homens e mulheres, implicando em uma forma primária de relações de poder (SCOTT, 1990).

Desta maneira “gênero”<sup>6</sup>, cria e recria, as relações sociais, manifestando explicita ou veladamente, as relações de poder . Como afirma Possas (2004):

Tome-se “gênero” como uma categoria de análise histórica de natureza relacional, a fim de se entender a construção dos papéis e dos comportamentos masculino e feminino, um em função do outro e construído social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. [...] que procura identificar de que modo e em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder. (2004, p.265)

Enfim, sustentados por esses pressupostos e recuperando a trajetória de vida de Helena Meirelles, a pesquisa enfatiza a necessidade de “estranhamento” constante do cenário social a ser observado e colaborando para uma ampla revisão conceitual das identidades masculinas e femininas e dos perfis sociais na pretensão de maior inclusão dos seres humanos sejam homens, mulheres, homossexuais, crianças, idosos (as).

### **Tocando modas e contando causos: a trajetória de Helena Meirelles.**

Helena Pereira da Silva Meirelles nasceu em 13 de agosto de 1924 no Estado do Mato Grosso do Sul como filha de Ovídio Pereira da Silva e de Ramona Vaz Meirelles. Desde cedo desenvolveu uma paixão avassaladora pela viola, segundo suas próprias palavras:

“Meu avô acolhia muitos paraguaios na casa dele. E eles eram muito tocador. Aí, meu irmão e meu tio aprenderam a tocar violão. E eu adorava! De noite, eu ficava olhando eles tocarem. Gravei tanto afinação para acompanhar como para solar. Aprendi a bater o rasqueado deles sem ninguém me ensinar. Mas meu pai e minha mãe não queriam que eu aprendesse. Porque naquela época, o Mato Grosso do Sul era um senão bruto, lá só tinha bicho brabo” (GUITAR PLAYER BRASIL,1996)<sup>7</sup>

<sup>6</sup> É uma categoria análise que, segundo Pedro (2005), é impulsionada à academia pelos movimentos feministas, dos anos 70, de gays e lésbicas que passam a reivindicar direitos civis, igualdade e respeito.

<sup>7</sup> Entrevista dada à Revista Guitar Player Brasil, ano 1 n° 7 julho de 1996. *Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.*

No entanto, em meados dos anos 30, tinha de cultivar essa paixão escondida, afinal, não era permitido para a mulher participar das alegres e festivas rodas de chimarrão e tererê: eram ambientes restritos ao protagonismo dos viris vaqueiros e peões do Centro-Oeste brasileiro. Este impedimento não foi empecilho para Helena, mesmo correndo risco de sofrer punições caso fosse vista por seus pais e tios; espreitava, ou melhor, dizendo na linguagem afeita às coisas de mulheres: bisbilhotava os tocadores de viola durante as rodas e com isso aprendeu sozinha a tocar a viola.

Certo dia, quando tinha nove anos de idade, surpreende um de seus tios ao pedir que a deixe tocar na roda. O tio, muito espantado, resolve atender seu pedido, entretanto, é enfático em dizer a Helena que caso ela não conseguisse tocar a viola levaria uma surra<sup>8</sup>. Faz-se a surpresa. A menininha de nove anos, não só conseguiu cumprir a tarefa, como ainda tocou melhor a viola do que muitos dos peões das fazendas da redondeza. Esse fato foi o bastante para instigá-la ainda, conforme relatou em uma entrevista: “era capetinha desde criança” (DIAS, 1994)<sup>9</sup>.

Façamos uma primeira pausa e analisemos esse trecho do “causo” de Helena Meirelles. Nos anos de 20 e 30, as concepções arraigadas na sociedade, compreendiam que as mulheres possuíam um lugar específico: a casa ou o ambiente privado. Essas concepções eram inspiradas em um modelo fundamentado a partir da criação de uma série de mecanismos de controle sobre as sensações e os sentimentos das mulheres que ensinavam modos de conduta e a valorização da família. Esse modelo ficou conhecido como vitorianismo<sup>10</sup> que se difundiu pela Europa durante o século XIX, chegando ao Brasil no início do século XX.

Segundo Rago (2004), durante os anos 20 e 30 no Brasil, as mulheres deveriam se restringir ao, que se considerava como sendo, “espaço natural” do sexo feminino, o lar. Dessa maneira, as mulheres, educadas por esse tipo de concepção, passavam a diante, aos filhos e as filhas, valores firmes que engendraram maneiras distintas entre os papéis de homens e de

<sup>8</sup> Como podemos observar no trecho da entrevista dada à revista Marie Claire, número 39, pp.40-44 de junho de 1994: *Eu tinha uns nove anos. Meu tio tava viajando e parou com a comitiva. Aí mandou eu buscar o violão dele, afinou e começou a tocar. Eu olhei, olhei e falei: "Tio, eu queria tocar uma moda com o senhor". Ele olhou espantado: "Tocar violão?" Expliquei: "É, eu já toco um pouquinho". Ele disse: "Vai buscar o violão lá, sua merda, se você não tocar eu vou te dar uma surra". Fui mais que depressa. Na hora de afinar, ele disse: "Dá aqui que eu afino". Eu disse: "Pode deixar que eu sei". Ele ficou com os olhos arregalados vendo eu afinar. Depois eu falei pra ele solar que eu ia acompanhar. Aí arrematei: "Agora o senhor me acompanha que eu vou solar". "Mas quem te ensinou?", ele me perguntou. "Eu aprendi sozinha vendo o senhor e o Aldo (o irmão) tocar." Daí em diante ele já foi lascando para todo mundo e falando que tinha uma sobrinha que tocava e tocava muito bem. Dali se alastrou para o Mato Grosso.*

<sup>9</sup> Dias, Lucy. Entrevista com Helena Meirelles. In.: Revista Marie Claire, número 39, pp. 40-44 de junho de 1994.

<sup>10</sup> Ver: PERROT, Michele. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.  
Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.

mulheres. Cabia às mulheres se restringirem ao ambiente doméstico, a submissão de seus pais e marido para que se tronassem “puras”, isenta de valores que pudessem corromper a “ordem e o progresso” da sociedade.

A receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado positivista, a esposa-companheira do aparato médico-higienista. Mas todas elas convergiam para a pureza sexual – virgindade da moça, castidade da mulher. Para a mulher ser “honesta”, devia se casar; não havia outra alternativa. E para casar, era teoricamente preciso ser virgem. O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não-virgindade da moça. (FONSECA, 2004, p.528)

Se observarmos os padrões estabelecidos nos anos 30 e compararmos com os primeiros anos de vida de Helena, perceberemos que alguns dos valores desejados para uma menina passavam longe da maneira com que Meirelles experimentava o mundo em sua infância. O próprio ato de “desobediência” e a “coragem” da menininha em afrontar seu pai, sua mãe e tios, apontavam que nossa futura violeira começava a criar uma possibilidade da construção de outro feminino. Mas, sigamos com seus “causos” de vida, para percebermos com Helena vai, aos poucos, construir outro modo de feminilidade.

As narrativas sobre Helena prosseguem quando aos quinze anos de idade resolve sair de casa enfrentando a violência doméstica por conta das perseguições sexuais de seu pai<sup>11</sup>. Acaba casando dois anos depois, aos dezessete anos de idade. O casamento, segundo a violeira, não foi por amor e nem pela obrigação imposta pelos seus progenitores, mas uma estratégia encontrada para não precisar depender da ajuda de sua família<sup>12</sup>. Esse primeiro relacionamento durou oito anos e deu a Meirelles três filhos. Separou-se, diante das proibições e constantes brigas, pois, seu marido não queria que ela continuasse tocando sua viola. Após a separação Helena volta para a casa de sua mãe, onde passa um curto período, pois encontra um músico paraguaio com quem se casa e tem mais dois filhos<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Quando questionada pela jornalista Lucy Dias, qual havia sido a situação mais difícil de sua vida Helena responde: *Foi com meu pai. Ele me perseguia muito desde criança, mas com a idade de mocinha ele começou a me perseguir mais e uma vez ele se enroscou em mim. Ai eu fui pra luta e falei pra ele: 'Você pode fazer comigo o que quiser, mas só depois que pular por cima do meu defunto três vezes. Do contrário você não faz'* (1994).

<sup>12</sup> Para uma debate mais aprofundado ver SOIHET, Rachel. Violência Simbólica; sabres masculinos e representações femininas. In.: *Estudos Fenministas*, v.5, n.1. p. 7-29, 1999. Onde a autora evidência os “Poderes e Contra-poderes” como uma das táticas femininas de subverter a ordem.

<sup>13</sup> Helena Meirelles teve no total 11 filhos, três no primeiro casamento, dois no segundo e mais dois no terceiro. Durante sua permanência nos prostíbulos no Estado de São Paulo teve quatro filhos(as) que entregou a *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.

Separou-se dele, por ter trazido uma, outra, mulher para dentro de casa, como a própria Helena diz: "Mas que diabo, eu não tive sorte com o primeiro, brigava, e agora pego esse que fica querendo me passar pra trás! Eu não nasci palhaça de homem." (DIAS, 1994). Após deixar a casa, seus dois filhos e seu segundo marido, em meados da década de 50, viaja para a cidade de Dracena<sup>14</sup>, no Estado de São Paulo, onde se torna prostituta, permanecendo até 1959, quando conhece o terceiro marido com quem viveu até falecer em Campo Grande, em 29 de setembro de 2005 por conta de uma parada cardiorrespiratória, segundo manchete dos jornais<sup>15</sup>.

Seu reconhecimento artístico foi tardio, aos setenta anos de idade, quando um de seus sobrinhos enviou uma fita de suas interpretações à revista estadunidense de música *Guitar Player*, que a elegeu como a revelação do ano de 1993 com o prêmio *spotlight*, o que a torna (inter)nacionalmente conhecida. Foi colocada na lista dos 100 maiores guitarrista de todos os tempos e eleita com votos de Eric Clapton, B.B.King entre outros<sup>16</sup>. Nesse contexto de visibilidade lançou oficialmente três discos de estúdio<sup>17</sup> basicamente de música instrumental.

Contado, de maneira breve, o restante da história de Helena Meirelles, podemos prosseguir com as reflexões. Nos anos 40 e 50 as mulheres só podiam sair da casa de seus pais após o casamento. Segundo o ideal dessa época, era próprio da "natureza da mulher" a obediência, a dedicação exclusiva à maternidade e o casamento. Como bem mostra Bassanezi:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. (2004, p. 609)

---

desconhecidos. Os três filhos do primeiro casamento foram deixados com avó das crianças, sua mãe. Os dois filhos do segundo casamento foram deixados com o pai que posteriormente abandono-os quando se juntou com uma, outra, mulher. Os dois filhos do terceiro casamento Francisco (48 anos) e Balbino (40 anos) morto em 2000 permaneceram com ela.

<sup>14</sup> O município é fundado em 1948 em uma Zona de Mata fechada. Ao chegar na cidade recém fundada, Helena encontra um ambiente povoado por homens e suas famílias que se estabeleceram por lá para iniciar uma nova vida próximo à última frente desenvolvimentista do país, a saber o Centro-Oeste. Para mais informações ver: <http://www.dracena.sp.gov.br/historia.php>

<sup>15</sup> Helena Meirelles morre aos 81 em Campo Grande in.:Folha Online do dia 29 de setembro de 2005. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u53857.shtml> Acessado em 10/03/08.

<sup>16</sup> B.B. King é um guitarrista e cantor estadunidense de blues, considerado um dos músicos mais importantes na história da música. É comumente chamado de o "Rei do Blue", tem mais de 50 anos de carreira e já lançou mais de 50 discos. Eric Clapton é um guitarrista e cantor inglês que participou dos mais importantes grupos de blues-rock da década de 60/70. Conhecido pelo apelido de Slow Hand devido sua técnica com a guitarra ao todo são mais de 40 discos gravados.

<sup>17</sup> São eles: Helena Meirelles (1994), Flor de Guavira (1996) e Raiz Pantaneira (1997) lançados oficialmente pela Gravadora Eldorado.

*Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.*

Helena recusa (parcialmente) esse papel que cabia a seu sexo e de acordo com as possibilidades que surgiam, ia construindo um modo de vida diferente. Essas possibilidades surgiam através da busca intensa para a realização de seu sonho, o de tocar viola. Se observarmos com mais atenção, perceberemos que, para sair de casa, Meirelles casa-se, mantendo-se de acordo com ordem esperada dos fatos. Evidentemente, que se comparado aos casamentos de sua época, nossa violeira acaba dando um sentido mais próximo de si, propiciando também a realização de seus desejos. Casa-se para se livrar das constantes tentativas de abuso de seu pai, e para se livrar das obediências que a vida em família lhe obrigava a cumprir.

Se analisarmos também o papel de mãe, veremos novamente uma aceitação parcial. Torna-se mãe de 11 filhos, não recusando dessa forma a concepção da maternidade como uma parte da essência feminina, no entanto acaba criando de fato apenas dois ou três filhos, os demais, ela doou, deixou com as avós ou com os pais das crianças. Esse comportamento evidencia que o significado atribuído a maternidade nas décadas de 40 e 50<sup>18</sup> foram alargados por Helena, afinal, mesmo quando cuida de seus filhos, a violeira dava fumo e pinga para uma das crianças de sete anos, como afirma em entrevista no documentário produzido por Daianara Tofoli.

Outra passagem intrigante na trajetória de Meirelles é o de sua prostituição. No prostíbulo é onde a violeira se sente mais contemplada em sua vida, pois, era naquele ambiente em que ela podia realizar seu sonho de viver tocando viola, sem ser criticada, proibida e reprimida. Enfim, Helena ao buscar a realização de seu sonho, procura se agarrar às possibilidades surgidas através das negociações com seu em torno, e por isso acaba criando elementos importantes para a construção de um feminino diferente dos estabelecidos nas décadas de 40 e 50.

### **“Eu sou dona do meu nariz e da minha direção”: considerações finais.**

Após algumas reflexões iniciais, possibilitada pela aproximação do arcabouço teórico e os “causos” da vida de Helena, pudemos perceber que em sua trajetória não havia uma preocupação consciente em rejeitar as normatividades de gênero pensando em construir uma nova concepção do feminino. Pelo contrário, Meirelles em nenhum momento rompe totalmente

---

<sup>18</sup> Como podemos notar na seguinte passagem: Para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, *a sagrada missão feminina*, da qual dependia não só a continuidade da família, mas *o futuro da nação*: “[...] Uma mulher casada, com filhos não tem o ‘direito de escolher’, pertence aos filhos, sendo suas obrigações intransferíveis [...]” (BASSANEZI, 2004, p.633:34, *grifos da autora*) *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.

com os padrões culturais de sua época, apenas, alarga essas concepções para que ela fosse aceita – talvez parcialmente – com seus modos de se relacionar com o cotidiano, mesmo que em muitos momentos de sua vida, transitasse por uma linha muito tênue entre a aceitação e a marginalização de seu comportamento e seu modo de vida.

Desse modo, notamos um desencaixe entre os padrões de gênero, das décadas de 30, 40 e 50, e maneira como Helena estabelece suas experiências de vida seja no papel de mãe, filha, mulher, esposa, enfim em todas as vezes que Meirelles resolvia assumir papéis e modos de vida diferentes do estabelecido como padrão na sociedade. Pudemos perceber uma grande negociação e uma fluidez frente às normatividades de gênero, o que possibilitou um alargamento acerca das construções de feminino e masculino em seu corpo. Helena ao transitar por diversos ambientes e mesclar-se às normatividades comportamentais de tais lugares, explicita uma visão que compreende gênero como atribuições culturais ao corpo e por isso passíveis de mudança.

Portanto, pretendemos refletir acerca do estabelecimento e manutenção de padrões comportamentais culturalmente construídos<sup>19</sup> em nossa sociedade, apontando para como estes mecanismos refinados de manutenção de hierarquias, de assimetrias são perpetuados, e ao mesmo tempo enfrentados pelos protagonismos das mulheres. Com isso, nosso objetivo nesse artigo, foi corroborar com a ampliação das reflexões a partir de uma análise biográfica e colaborar, também, para a produção de material que possa ser usado na luta contra qualquer manifestação preconceituosa no tocante as relações humanas, já que a problemática levantada por esse trabalho – a saber: a aceitação/marginalização social de Helena – por colocar em cheque os padrões histórico-culturais construídos, não é uma particularidade apenas de nossa violeira e sim de mulheres, gays, lésbicas, travestis, transexuais e todos(as) aqueles(as) que não se encaixam nos rígidos parâmetros sociais que aprisionam nossa forma de ver, ler, sentir e viver o mundo.

---

<sup>19</sup> A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do disformismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento sejam determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra. A verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. O transporte de água para aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas). Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica na verdade, um esforço físico considerável, muito maior do que o necessário, para o manejo de um arco, arma de uso exclusivo dos homens. [...] (LARAIA, 2006, p. 19).

## Referências

- BENTO, Berenice Alves de Melo. Os estudos de gênero na encruzilhada do universal e do particular. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 3/4, n. 1, p. 121-146, 1999/2000.
- BESSANZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Unesp/Editora Contexto, 2004.
- CANO, Gabriela. Amélio Robles, andar de soldado velho: fotografia e masculinidade na Revolução Mexicana. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 22, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Set 2008. doi: 10.1590/S0104-83332004000100006
- DIAS, Lucy. Entrevista com Helena Meirelles. *Revista Marie Claire*, n. 39, p. 40-44, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Mozart Sociologia de um Gênio*. Trad. Sérgio Goes de Paula Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O processo Civilizador: uma história dos costume*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. v. 1 e 2.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Unesp/Editora Contexto, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1998.
- GROSSI, Miriam Pillar. O Masculino e o feminino na educação. In: GROSSI, M.P. (Org.). *Paixão de Aprender*. Petropolis, Vozes, 1992.
- GUITAR PLAYER BRASIL. Entrevista, v. 1, n. 7, 1996.
- HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista. Campinas, *Cadernos Pagu*, n. 22, p.201-246, 2004.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KUPER, Adam. *Cultura a visão dos antropólogos*. Trad. Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros, Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

LARAIA, Roque Barros de. *Cultura: Um conceito antropológico*. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NEPOMUCENO, Rosa, *Música Caipira, da roça ao rodeio*. Editora 34, 1999.

NYE, Andrea. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, Franca, v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 ago. 2007.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Comentário. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 21, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000200009&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200009&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 17 2008. doi: 10.1590/S0104-83332003000200009.

\_\_\_\_\_. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 25, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200001&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200001&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 17 2008. doi: 10.1590/S0104-83332005000200001.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. Índícios e fregmentos das luas das mulheres na construção da história das cidades paulistas: os “causos” e os silêncios. In: SILVA, Gilvan Ventura da. NADER, Maria Beatriz. FRANCO, Sebastião Pimentel. *História, mulher e poder*. Vitória: EDUFES, 2006.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Unesp/Editora Contexto, 2004.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, 1990.

SCHMIDT, Bento Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalista: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.19, 1997.

SOUZA, A. B. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*, Seropédica, v. 29, n. 1, p. 27-36, 2007.

### **Videográficas:**

TOFOLI, Dianara. *Dona Helena*. M. Schmied Produções, 2005. (Distribuição Europa Filmes)

*Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 9, n. 1, p. 39-50, 2009.

**Musicográficas:**

MEIRELLES, Helena. *Helena Meirelles*. Gravadora Eldorado, 1994.

\_\_\_\_\_. *Flor de Guavira*. Gravadora Eldorado, 1996.

\_\_\_\_\_. *Raiz Pantaneira*. Gravadora Eldorado, 1997.

Recebido em 10/04/2009

Reformulado em 28/04/2009